



Humberto Amorim

Ricardo Dias

Felipe de Almeida Ribeiro

Fabio Guilherme Poletto

(organizadores)

# Sérgio Abreu

e seu tempo

REVISTA VÓRTEX - Série Ebooks | Volume 1

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Sérgio Abreu e seu tempo. / Humberto Amorim; Ricardo Dias; Felipe de Almeida Ribeiro e Fábio Guilherme Poletto (Orgs.). v.1. Curitiba: Revista Vórtex, 2023.  
228 p. . il.

1 e-book: (PDF)

DOI: <https://doi.org/10.33871/23179937.2023.11.2.8345>

ISBN: 978-65-00-82808-5

1. Violão. 2. Música Brasileira. 3. Violão – Sérgio Abreu. I. Amorim, Humberto. II. Dias, Ricardo. III. Ribeiro, Felipe de Almeida. IV. Poletto, Fábio Guilherme. V. Título.

**Catálogo na publicação elaborada por Mauro Cândido dos Santos – CRB 1416-9<sup>a</sup>.**

## Sérgio Abreu: um modelo que permeou minha trajetória musical

Daniel Wolff

Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil

2023 foi um ano que começou bastante agitado. Após meses de uma tumultuosa divisão bipolar no campo político, que culminou com a eleição presidencial com score mais apertado da história, atos de vandalismo extremo na capital da nação — ameaçando ferozmente a democracia — deixaram o povo brasileiro ainda mais apreensivo do que antes. Os ataques de 8 de janeiro entrarão para os anais da história como um importante marco a ser lembrado e — esperemos! — evitado em tempos futuros. Contudo, creio que para os amantes do violão e da boa música, outro fato ainda mais marcante ocorreria poucos dias depois, mais precisamente em 19 de janeiro: o falecimento do grande Sérgio Rebello Abreu.

Ao receber o convite para contribuir com estas modestas linhas para a publicação em homenagem a Sérgio Abreu, meu primeiro ímpeto foi recusar, dado que — infelizmente — nosso contato pessoal foi muito mais breve do que eu teria desejado. Porém, a influência dele em minha trajetória como músico foi tão marcante que, imediatamente, refreei tal impulso; Sérgio merece os depoimentos e honrarias de todos que, como eu, tiveram a felicidade de conviver com ele, ainda que brevemente.

Meu primeiro contato com o Duo Abreu foi ainda em meus tempos de colégio, quando adquiri o LP (os CDs ainda não tinham chegado ao Brasil) Os violões de Sérgio e Eduardo Abreu. Para mim, que

tocava o instrumento há muito pouco tempo, foi uma verdadeira revelação. A sincronia entre os irmãos, a sonoridade primorosa, a engenhosidade dos arranjos, tudo parecia perfeito naquela gravação que esbanjava musicalidade.

Foi um grande incentivo para meu estudo. Em seguida, convidei um colega para formar um duo e tocar aquele repertório maravilhoso. Como éramos ainda iniciantes, começamos com as peças mais simples (O rouxinol, a Pastoral de Domenico Scarlatti) evoluindo a seguir para a sonata de Christian Gottlieb Scheidler e outras obras de maior complexidade.

Eu teria dado tudo para poder assistir ao duo, ver como eles obtinham aqueles sons maravilhosos, mas, naqueles tempos pré-internet, não havia como aceder aos seus raros vídeos. De fato, eles haviam tocado na minha cidade, Porto Alegre, poucos anos antes, nos lendários Seminários Internacionais de Violão do Liceu Musical Palestrina. Mas, infelizmente, quando comecei a tocar violão, o duo já não existia.

Ao terminar o ensino secundário, transferi-me para Montevideu para cursar a universidade. Nos três anos em que residi no Uruguai, tive aulas particulares semanais com Guido Santórsola, que me contou muitas histórias sobre o duo. Relatou-me o primeiro encontro dele com os irmãos Abreu, ainda bastante jovens, no qual os ouviu tocar uma obra barroca. A seguir, fez algumas recomendações quanto à interpretação da música daquele período. Para sua surpresa, Sérgio e Eduardo imediatamente tocaram a obra novamente, já incorporando as sugestões, algo que o impressionou fortemente.

Outro fato que o marcou ocorreu quando o duo se hospedou por alguns dias em sua residência na rua Francisco Vidal, no bairro Pocitos, mesma casa onde eu posteriormente viria a estudar com ele. Santórsola observou que, enquanto Sérgio passava o dia no quarto, debruçado sobre o violão, Eduardo caminhava pela casa com as mãos

às costas, movendo os dedos. Estudava assim, com um violão imaginário. Quando finalmente pegava o instrumento para ensaiar com o irmão, tocava perfeitamente, como se o tempo de prática fora de fato realizado com o violão em punho. Permitindo-me talvez um pequeno exagero, seria algo equivalente a um jogador de futebol treinar dribles, chutes e embaixadas apenas movendo os pés no ar, com uma bola fictícia, para depois, na hora do jogo, marcar os gols mais impressionantes, como se tivesse treinado com uma bola de verdade. Coisa de outro mundo!

Em suas aulas, Santórsola usava uma fábula dos tempos bíblicos como metáfora para alertar os alunos para as notas mal tocadas. Contava que os discípulos de Jesus, ao encontrar um belo presunto, o levaram ao mestre para ser consumido na próxima refeição. Jesus disse que alguém deveria ter perdido a iguaria; o correto seria primeiro procurar o legítimo dono e, caso isto não fosse possível, aí sim seus discípulos poderiam comê-lo. Instruiu-os então a ir à praça pública e perguntar se o fiambre pertencia a alguém. Os discípulos foram até a praça e, com esperteza, começaram a indagar, em voz forte, “Quem perdeu...”, para logo em seguida sussurrar “o presunto?”. O povo só ouvia a primeira parte da pergunta e, naturalmente, ao ignorar de que se tratava, ninguém se apresentou como proprietário do fiambre. Moral da história: ao tocar uma música, temos que evitar os “presuntos”, ou seja, as notas mal tocadas, que o público dificilmente consegue ouvir.

Com muito bom humor, Santórsola me contou que quando ouviram alguns candidatos não muito bem preparados em um concurso, Sérgio se aproximou e disse, discretamente: “Quanto presunto, hein, maestro?” Várias destas histórias viriam a público décadas mais tarde, na biografia de Sérgio escrita por Ricardo Dias.

Minha apreciação pelo trabalho dos irmãos Abreu persistiu no

decorrer dos anos. Na época em que vivi em Nova Iorque, cursando doutorado na Manhattan School of Music, tive a oportunidade de analisar os arranjos de Sérgio, durante a pesquisa para minha tese. Pude confirmar o que já sabia de longa data: tratava-se de um arranjador de talento extraordinário.

Um destes arranjos era da Fantasia, BWV 906, de Johann Sebastian Bach. A obra me atraiu tanto que comecei a tocá-la com meu colega de doutorado Daniel Göritz, violonista alemão com quem estabeleci um duo. Iniciamos a partir da transcrição de Sérgio e depois nos permitimos fazer algumas alterações, não porque houvesse qualquer falha nas soluções encontradas por ele, apenas para melhor se adaptar às nossas características técnicas.

Esta peça era originalmente seguida de uma fuga, deixada incompleta por Bach, sendo esta a possível razão para Sérgio ter transcrito apenas a fantasia. No afã de tocar a obra na íntegra, tive o atrevimento de completar — dentro de minhas humildes possibilidades — a fuga inacabada de Bach. A partir de então, incorporamos também este segundo movimento em nossos concertos, não sem antes mostrar a fuga para vários músicos, pedindo que tentassem identificar onde terminava Bach e começava Wolff. Como é natural, sentia-me bastante inseguro em agregar algo à escrita magistral de um gigante como Bach. Para meu alívio e satisfação, ninguém conseguiu identificar onde ocorria a transição, nem algum elemento que contrastasse com o estilo Bachiano. Foi o sinal verde para que a obra entrasse em nosso repertório.

Pode parecer estranho, mas o que me encorajou a assumir tamanha empreitada foi o afã de tentar concluir algo que não apenas Bach, mas também Sérgio Abreu, haviam iniciado. Era como se parte da confiança que Sérgio sentiu ao adaptar a fantasia para dois violões houvesse extrapolado para mim, como um estímulo subconsciente.

Evidentemente, trata-se de uma sensação exclusivamente minha; Sérgio só viria a saber do fato anos mais tarde, quando lhe comentei o assunto.

Durante o curso de doutorado, não longe da minha casa residiam os irmãos Paulo e Pedro Martelli, que também estudavam na Big Apple. Paulo, amigo próximo de Sérgio, enviou a ele meus arranjos para violão solo de músicas de Egberto Gismonti, que ele gravaria no CD Roots. Uma das maiores emoções que tive como músico foi o momento em que Paulo me comentou que Sérgio achara meu arranjo de Água e vinho deslumbrante e que o arranjo de Loro deveria abrir o álbum, por ser a peça mais brilhante do repertório. Foi como receber a bênção de um dos meus maiores ídolos.

Por uma feliz coincidência, Gismonti estaria também relacionado ao meu primeiro encontro presencial com Sérgio, vários anos mais tarde. Era 2009 e eu passava alguns dias no Rio de Janeiro para participar da Mostra Nacional de Violão Fred Schneider, a convite de Luis Carlos Barbieri. Eu tinha o domingo livre e aproveitei para ir pela manhã à residência de Gismonti, para conversar sobre os arranjos que eu fizera de músicas dele. Dias antes, eu comentara com o luthier Ricardo Dias (o já mencionado biógrafo de Sérgio) que uma de minhas maiores frustrações era não ter tido ainda a oportunidade de conhecer pessoalmente meu ídolo Sérgio Abreu. Ricardo me deu uma tremenda alegria ao arranjar para almoçarmos juntos naquele domingo.

Saí da casa de Gismonti direto para encontrar Sérgio e Ricardo em um restaurante. De lá, fomos passar a tarde na residência do Sérgio e tive em mãos os violões Hermann Hauser e Santos Hernández que foram usados nas célebres gravações do duo Abreu. Sobre a mesa, havia várias partituras, dentre elas a Pastoral de Scarlatti que eu conhecera através daquele LP que eu ouvi até gastar a agulha do toca discos, na minha adolescência. Me atrevi a perguntar a Sérgio se ele

toparia tocá-la em duo comigo. Para minha surpresa, ele aceitou na hora e passamos um belo tempo lendo esta e outras partituras que ele tinha à mão, naqueles instrumentos maravilhosos. Haja coração!

No final do dia, quando estava me despedindo para ir assistir ao concerto de encerramento da Mostra, Sérgio me perguntou se eu poderia levar a Porto Alegre um de seus violões, que havia sido encomendado por Alisson Alípio, na época meu aluno de mestrado. prontamente concordei e Sérgio disse-me que teria ainda que preparar o instrumento para despachar; iria levá-lo ao meu hotel naquela noite (meu voo para Porto Alegre partiria cedo na manhã seguinte).

Após encerrada a Mostra e o subsequente jantar final de confraternização, quando finalmente cheguei ao hotel, em hora bem avançada, aparece Sérgio não apenas com o violão, mas também com uma bela surpresa. Eu havia comentado durante a tarde sobre meu apreço por gravações históricas que, naqueles tempos pré-streaming, não eram nada fáceis de se obter. Sabendo disso, Sérgio trouxe um HD com muitos gigabytes de gravações raríssimas. Levou um bom par de horas até conseguirmos transferir tudo para meu notebook, tempo que proporcionou mais um ótimo papo entre nós. Chamou-me a atenção sua resposta à minha indagação de como fizera para tocar de forma tão primorosa as obras mais complexas. Sua resposta foi lacônica: “com grande dificuldade”!

Voltaríamos a nos ver quase dez anos mais tarde, numa de minhas idas ao Rio de Janeiro. Além do violão, outra paixão mútua que compartilho com Sérgio Abreu é um bom vinho, algo que regou a ótima conversa que tivemos num jantar entre amigos. Dentre eles, novamente, lá estava o caríssimo Ricardo Dias. Na saída, deixamos Sérgio em sua oficina, onde passaria a noite trabalhando. Era um notívago incorrigível.

É realmente uma lástima que, apesar da forte influência que Sér-



gio teve sobre mim, nossa convivência tenha sido tão esparsa. Foram, não obstante, encontros muito especiais para mim, os quais guardo com muito carinho em minha memória. Sérgio Abreu foi um modelo para muita gente, um exemplo com sua incansável busca pela perfeição, seja como violonista, como arranjador, como luthier, enfim, como pessoa. Ele agora repousa nos céus, onde deve estar fazendo música com Bach, Scarlatti, Paganini, Sor, Rodrigo e tantos outros compositores que ele interpretou magistralmente em vida.

Daniel Wolff, junho de 2023

**Figura 8:** Daniel Wolff e Sérgio Abreu no apartamento de Sérgio, em Copacabana.  
Fonte: Acervo pessoal de Daniel Wolff.



**Figura 9:** Daniel Wolff e Sérgio Abreu empunhando violões.  
Fonte: Acervo pessoal de Daniel Wolff.



**Figura 10:** Daniel Wolff e Sérgio Abreu ensaiando um duo.  
Fonte: Acervo pessoal de Daniel Wolff.

